

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA, 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

(Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899)

Redactor gerente

Eduardo de Noronha

E DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Quarta-feira, 15 de Outubro de 1902

Assignatura, paga adiantada

Lisboa, 6 mezes 600 réis
 Provincias, 6 mezes 680 .
 Numero avulso 60 .

TIRO

Portuguezes de hoje e portuguezes de hontem

Affirmam-se as nacionalidades pela lingua, pela religião, pelos costumes e pelos caracteres; e nós, mercê de Deus, nos oito seculos que vão correndo da nossa existencia, nunca desmentimos as feições caracteristicas, que porventura determinaram o nascimento de Portugal como nação autonoma, o seu crescimento e esplendor, a sua temporaria decadencia, os seus transitorios desalentos, enlaçados sempre a risonhas esperanças e altivas aspirações.

Somos quaes eramos quando a ambição gloriosa de Afonso Henriques soube aproveitar e dirigir o sentimento dos que o cercavam para realizar a emancipação do escasso tracto de terreno, dado em dote a D. Thereza; somos os mesmos, que aquelles que aclamaram o mestre de Aviz, para evitar que a corôa se fundisse com a corôa castelhana; eguaes aos que incitaram os desanimos e hesitações do duque de Bragança para restaurar a independencia perdida; dignos successores de quem, sem chefe e sem direcção, soube sacudir o jugo ephemero, que nos quiz impôr o heroe de Lena e de Austerlitz, esse prestigioso aventureiro, que se coroava por suas proprias mãos, depois de dar e tirar corôas aos monarchas atonitos da Europa.

E se somos tambem descendentes dos que souberam lutar contra a omnipotencia da tiara, acatando sempre a religião, até cair no fanatismo enervante e feroz, se vimos em linha recta dos que desalentaram algumas vezes, tanto das audaciosas empresas do primeiro rei, como do generoso esforço do heroe de Aljubarrota, tanto do exito da conjuração de 1640, como da resistencia heroica ás armas napoleonicas; e se temos por antepassados os que se accuraram á fascinação de D. Leonor Telles, os que viram estabelecer, sem resistencia, nem protesto, o terrivel tribunal da inquisição, os que aceitaram soffregos as cedulas de Christovam de Moura; tambem nas veias nos corre ainda o sangue d'aquelles que, por mares nunca d'antes navegados, se foram em demanda de novos mundos, que transformaram os conhecimentos da geographia e as condições do commercio, que domaram as furias indomitas do oceano, e lograram arvorar o pendão glorioso das quinas n'essas regiões encantadas da Índia, quasi mysteriosa.

A roseira dará perpetuamente rosas, e perpetuamente espinhos. Não lhe peçam fructos, que os não tem, não lhe exijam hastes macias e suaves ao tacto, que é isso contra a sua natureza.

Tem perfumes e côres, que encantam, e aculeos, que ferem.

Nós somos como a perpetua roseira, as nossas flôres são o amor da patria, os nos-

sos aromas, o espirito de aventura; mas os nossos espinhos são o desalento que a espaços nos accommette, a desconfiança de nós mesmos e dos nossos proprios recursos, a esperança fatalista no futuro, alternando com a duvida, com a descrença nos destinos do porvir.

Quem sae aos seus não degenera, e nós, se, não raro, parecemos só ter adido a herança dos que perderam a fé no vulto epico de João I, dos que descreeram da restauração, depois d'ella realisada, dos que aceitaram submissos as arrogancias de Junot, tambem, passadas as crises, res-

tão amplos como o de Affonso de Albuquerque, guerreiros tão brilhantes como Nun'Alvares Pereira, batalhadores tão incançaveis e vigorosos como Duarte Pacheco; podem nascer, mas falta-lhes o theatro para as suas façanhas, o campo adequado para a sua acção, a opportunidade para pôem em pratica as manifestações do seu genio.

A orientação dos talentos tem de ser outra, e muito diversas as manifestações do amor patrio, que não morre em peitos portuguezes e que ahi se está affirmando por mil modos eloquentes n'esta actuali-



Francisco Lopes

Secretario do Grupo Velocipedista de Braga

Antonio Marinho

Presidente do mesmo grupo

Alexandre Ferreira

Promotor e proponente da estafeta e director do grupo

taurado o calor, reacendido o fogo sagrado, voltamos a ser os dignos herdeiros dos que a tudo antepozeram o santo amor de patria, d'esta patria entalada entre a Espanha e o mar, pequeno tracto de terra, d'onde saíram homens dos mais notaveis e dos maiores que tem produzido o mundo, pequeno tracto de terra, que tem sabido manter em respeito amigavel a poderosa nação visinha, ao mesmo passo que ia avassalando o dominio tenebroso das aguas, e ensinando aos demais paizes os caminhos da gloria e da conquista, pequeno tracto de terra que fundou tres imperios, e que, ao perder dois, ainda fica sendo uma das primeiras nações colonias do mundo.

Mudam-se as condições e as circumstancias, não se muda a indole dos povos. O revoltear dos seculos e as conquistas da sciencia transformam tudo e a tudo põem cunho diverso. Um infante D. Henrique hoje, em Sagres, pouco teria já a estudar e nada a incitar a aventureiros, pois que, tirando o esforço de desvendar o mysterio dos pólos, mais scientifico do que pratico, já não tem segredos a cosmographia; podem nascer genios tão vastos e

dade dissorada e insipida, que mais busca a conquista dos interesses do que a das glorias.

Mas, se ainda a gloria é precisa, como as joias de preço para adornar os roçagantes trajas de gala, como as flôres raras para realçar o esplendor dos banquetes, ahi temos a gloria, no unico theatro que para ella resta á actividade humana, a Africa adusta e mortifera, onde o menor dos perigos está talvez na hostilidade dos indigenas.

Foi um dia preciso devassal-a e perscrutal-a no seu interior mal conhecido, e os nossos exploradores seguiram avante, com o pendão das quinas por labaro e o espirito de aventura por estimulo; foi preciso submeter as hordas selvagens, que tentavam affrontar-nos, e ahi vão os nossos valentes soldados e os nossos briosos officiaes de mar e terra, vencer dominar e impôr o respeito á bandeira nacional.

Vão com o sorriso nos labios e com a fé no coração, porque os alenta o amor da patria, porque são os descendentes os representantes dos heroes das velhas gerações.

Vão e voltam, grandes na sua modestia,

grandes na sua bravura, grandes na sua dedicação, sem pedirem mais premio do que o applauso da propria consciencia, a que espontaneamente se associa o applauso, nem sempre ruidoso, mas sempre sincero, das multidões.

Não! a gente portugueza não mudou, não está degenerado o sangue, nem pervertido o espirito nacional.

A rosa continua a ostentar brilhantes côres e delicadas aromas; assim possamos não nos ferir os seus espinhos!

Que o amor da patria e o amor da gloria florescem vivos como outr'ora é indiscutível; oxalá que não tenham nunca a empanar-lhes o brilho as sombras do desalento.

A. M. DA CUNHA BELLEM.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

A UNIÃO EM LISBOA

A União pensa em apresentar desde já, o seu projecto de programma de torneios para a corrente época, independente do programma d'instrução que não pôde elaborar, sem a publicação do novo regulamento de tiro.

A imprensa do paiz, tem-se ultimamente preocupado com a educação phisica, e muito especialmente com a instrução do tiro. O nosso collega *O Diário de Notícias*, no n.º de 8 do corrente, publica uma carta do seu correspondente da Suíssa, que nos faz sentir não dispomos d'espaco para a transcrever, tão bem ella cabia na indole da nossa revista. E' um bello artigo de propaganda patriotica e de critica aos nossos costumes. A *Aurora do Lima*, antigo jornal de Vianna do Castello, publica tambem uma serie de artigos brilhantes, de propaganda em favor do Tiro Nacional. Bem hajam os nossos collegas.

Ao Real instituto de Lisboa, foi auctorizada a creação de um curso d'instrução, para recrutas e officiaes da reserva.

BRAGANÇA

Em consequencia do mau tempo foi addiado para 19 do corrente o concurso de tiro, promovido pela 3.ª filial da União. S. ex.º o general director geral dos serviços d'infanteria, faz-se representar n'este concurso, pelo seu ajudante, tenente David Rodrigues.

ESPINHO

A 6.ª filial da União, promove para 26 do corrente mais um torneio de tiro, do qual já enviou programma á União.

CHAVES

Do nosso dedicado correspondente recebemos o seguinte telegrama que nos enche de jubilo, por vermos a importancia que o tiro nacional vae d'anno para anno, tomando na villa de Chaves, séde da 9.ª filial da União.

Chaves 13. — O concurso regional foi muito concorrido e animado. Concorreram 172 atiradores. Assistencia das melhores pessoas de Chaves entre as quaes auctoridades militares, judicias, administrativa, camara municipal, e muitas damas. O premio de El-Rei coube a João Antonio Gomes, com 22 balas em 23 tiros. O premio da Rainha a Francisco Sarmiento, com 21 balas em 25 tiros. Dos restantes 12 premiados 5 tiveram 20 balas em 20 tiros, 6 19 balas em 20 tiros, e 1 teve 18 balas no mesmo numero de tiros. Grande entusiasmo por esta brilhante festa. Pelo correio mandarei pormenores.

Correspondente

ARTES E LETRAS

HISTORIA

O EXERCITO E A PATRIA

XXXIV

Alma antiga

Em 1457, D. Affonso V, que trazia inquieto e descontente o seu genio guerreiro pelas circumstancias o terem obrigado a desistir da cruzada que promettera ao papa Calixto, recebeu do conde d'Odemira, capitão de Ceuta, a noticia de que El-Rei de Fez ameaçava aquella cidade.

Preparativos feitos para ir em seu socorro, soube-se que o mouro desistira da empresa, mas Affonso V que ardia naancia christã de castigar infieis, dirigiu a sua armada sobre Alcacer Ceguer; acompanhavam-n'o seu irmão D. Fernando e o velho infante D. Henrique, que do promontorio d'onde rasgara as trevas do oceano soltava mais um vôo sobre as africanas praias.

Tão rapida foi a conquista que D. Affonso, desembarcando em Alcacer n'uma segunda-feira ao meio dia, quarenta e oito horas depois entrava professionalmente na mesquita da cidade, já vasia de mouros, e ali, ante um altar christão, agradecia a victoria.

Esta, porém, foi pelo rei portuguez considerada tão insignificante, e tão pequeno o resultado d'ella que, sabendo o rei de Fez em armas na visinhança, não queria voltar a Portugal, porque não parecesse que fugia, sem mandal-o primeiro desafiar para combate no campo. O mouro respondeu aos mensageiros com bombardas e foi-se com a sua gente a tentar a reconquista de Alcacer Ceguer, onde D. Affonso deixára capitão D. Duarte de Menezes, e pôz-lhe apertado cerco.

Voltou Affonso V ao reino afim de mandar socorro a Alcacer, pois lhe faltavam mantimentos, animando D. Duarte de Menezes com a promessa de libertal-o em breve, e logo mandou para a frente d'Alcacer Luiz Alvares com uma frota, d'onde por meio de virotões enviavam para dentro da villa sitiada escriptos com palavras animadoras, a que de dentro pela mesma forma respondiam, expondo a sua situação.

Surprehendendo os mouros esta correspondencia souberam da extrema penuria dos sitiados, e intimaram-lhe, ameaçadores, a rendição, ao que D. Duarte altivamente respondeu que: «El-Rei seu senhor o não deixára ali para entregar aquella sua villa, mas sim para a defender». Os sarracenos começaram ante esta firmesa a duvidar do exito, que tão facil haviam considerado e resolveram dar um geral assalto, de que só resultou perderem muita gente, e ficaram assombrados com o animo e alegria que os sitiados mostravam.

Estes, que estavam no ultimo apuro, tinham reunido conselho em que alguns propozeram se matassem os cavallos para poupar os escassos mantimentos, mas D. Duarte resolveu, de contrario, que com elles se fizesse uma sortida para os mostrar ao inimigo que devia suppól-os mortos.

Reunindo pois trinta cavalleiros da mais alta fidalguia, nomeou seu filho Henrique, capitão da pequena mais luzida hoste, que n'esse dia vestiu as suas mais brilhantes galas, e sahindo fóra a pé com alguns fidalgos, mostrando encaminhar-se á praia para chamar sobre si os mouros, assim que os viu fóra do arraial fez o signal convenconado a D. Henrique, o qual sahindo com os seus cavalleiros da barreira era que estavam embuscados, bradando: S. Thiago! deram rijamente nos mouros, mas tiveram de sustentar dura peleja. Admirou o inimigo a galhardia dos cavalleiros e a formosura dos cavallos, que lhe pareceram até melhores e mais numerosos do que eram realmente, e esta audaciosa acção, em que D. Henrique de Menezes se mostrou digno filho de seu pae, acabou de resolver o rei de Fez a levantar o cerco d'Alcacer, addiando a sua reconquista para mais tarde.

Tinha um d'aquelles cavalleiros, Martim de Tavora, capital inimizado com um outro,

Gonçalo Vaz Coutinho, rivalidades d'amôr talvez, impetuosas nas almas ardentes de moços guerreiros, talvez emulações d'honras ou despeitos do real favor que tão fundos abysmos deviam favor entre ambiciosos de fortuna ou gloria.

Odiavam-se.

Na sortida ambos pelejaram com igual valor mas diversa fortuna, pois Gonçalo Vaz, mal ferido, cahiu em poder dos mouros que lhe dariam a morte ou cruel captiveiro.

Martim de Tavora viu perdido sem esperanza o seu implacavel inimigo, mas elle era um cavalleiro christão, um companheiro d'armas, e o seu coração generoso apiedou-se pela sorte do rival detestado. Sem hesitar um momento, foi em seu socorro, arriscando a propria vida, luctando até conseguir livral-o do poder dos mouros e trazendo-o bondosamente como faria a um irmão, só o deixou quando o viu salvo e seguro.

Mas a acção fidalga de Martim de Tavora não provinha de mudança de sentimentos, inimigo era e inimigo ficou de Gonçalo Vaz, se tinha d'elle offensas era a sua espada quem teria de vingal-as, a mesquinhez de regosjar-se com a perda d'un rival não cabia na alma grande do cavalleiro de Affonso V.

RIBEIRO ARTHUR.

Os papeis de meu pae

(Continuado do n.º 243)

«Apresentámo-nos ao commandante da Provincia. Este disse-nos que «divisão» não havia nenhuma senão hespanholas; que todos iam marchar para os depositos; que os paizanos teriam passaportes para os portos de mar, e d'ali iriam para onde quizessem; que os militares, dentro d'um mez, passariam para Portugal; se porém, algum preferisse ir tambem para ali, o general, a seu pedido, lhe daria passaporte egualmente.

Este governador fez todos os esforços para que os soldados voltassem para Portugal, a ponto de os fechar no deposito e ahi exhorta-los a isso. E conseguiu-o, porque deixou-os depois pelos campos, obstando que as vivendeiras lhes vendessem generos, e não lhes dando etape, obrigava-os a que elles desesperados acabassem por se retirar.

O meu cavallo, tendo-o eu confiado em Lobios, no dia do acampamento da Portagem de S. Martinho, a um official, D. José Herrera, *sub teniente del regimiento Provincial de Ciudad Rodrigo*, ao manda-lo buscar por duas vezes de S. Martinho de Gron, respondeu que o tinha enviado a Triconá.

No dia da sahida, o coronel Pereira quiz tirar-me tambem o cavallo da bagagem, mas por fim disse-me que fecharia os olhos.

Em Orense fui para uma casa defronte do collegio, ou casa dos Padres da Companhia. Não nos deram boletos. Andavam pelas ruas offerecendo as casas para hospedagem. Fomos os tres do rancho, e no dia seguinte levaram-nos, só por duas cammas, 1\$200 réis.

Sahimos de Orense ás 10 horas da manhã. Tendo-se-nos primeiramente destinado o deposito para Lugo, fomos depois destinados para Monforte. Ficámos no dia 22 em casa de um Jacob. Chegáramos ás 5 e meia da tarde. Estavamos para ir ficar a um povo adiante, mas em consequencia de se ter quebrado a barca do rio Sill, ficámos ali com caçadores 9.

No dia 23 sahimos ás 7 da manhã e chegámos a Monforte ás 4 e 1 quarto. Ainda que tivemos boletos, estes eram tão sómente a casa, pois a cama, luz, e tudo mais, se pagava. Por isso arranjei uma casa onde ficámos por 4 pesetas por dia, por camas, luz, lume, serviço e cavallariça.

No dia 25 se fez nova falla aos soldados que havia em Monforte para que os que quizessem voltar a Portugal sahissem á frente, e os que quizessem embarcar, passassem á rectaguarda. Bem poucos sahiram.

No dia 26 começaram a abonar o pão aos soldados, a dinheiro, e n'este mesmo dia se pozeram em marcha para a Corunha, decidindo-se que tudo embarcaria para Inglaterra, visto o consul do Brasil ter em seu poder 300 contos de réis.

Até ao dia 30 conservei-me em Monforte no mesmo quartel, tendo todos os dias seguido conductas de diferentes corpos, ficando para o ultimo o Quartel General, o qual marchou ás 4 horas do dia 31, em direitura á Corunha.

Fizemos durante a marcha dois altos, e chegando ás 8 da noite ao povo onde deviamos ficar, fui de quartel para casa de Domingos Loureiro, homem miseravel. Ficámos na eira, em cima de umas palhas.

Tivemos durante a marcha um descanso de 4 horas. A jornada fôra de 6 legoas.

As 5 horas do dia 1 de agosto seguimos para Lugo, parando a uma legoa de distancia, em uma estalagem na junção da estrada travessa com a real. Chegámos a Lugo á uma hora da tarde, tendo esperado á entrada pelos que vinham muito atrazado. Fomos hospedados para casa particular, onde pagámos 3 reales por dia cada um. Esta jornada foi de 3 legoas, sendo a ultima de estrada real muito boa.

Apresentamo-nos ao general que nos tratou ás mil maravilhas. Descançámos ahi esse dia e o dia 2.

O general nos fez vêr quaes eram os seus sentimentos.

No dia 3 marchámos para Retanços, indo ficar a Gateria, a distancia de 6 legoas. Fui ficar para uma casa, ao pé da igreja, de Affonso Santolla, homem pobre, porém, capaz.

Chegámos a este povo ás 11 horas da manhã, tendo sahido de Lugo á 1 da noite. Fez-se a jornada com a maior velocidade possivel, vindo tudo em debandada. Tivemos um alto a meia distancia. Em Gateria vendi o meu bagageiro, que ainda me restava, por 5 duros e meio, com a condição de me conduzir ainda á Corunha.

Sahi de Gateria ás 4 e meia da manhã, muito primeiro que o resto do Quartel General. A marcha, porém, tinha sido ordenada para as 3 da manhã.

Tivemos um dia da maior chuva possivel. Parámos em uma estalagem real á distancia de 2 leguas e meia. A distancia a Betanças é de 5 leguas de Gateria. Chegámos a Betanças ao meio dia e fomos para a pousada dos Corimhemes, onde estivemos a noute de 4 para 5 pagando uma peseta por cama, um real por luz e tres reales por fazer a comida. Assim projectámos mudar de pousada, o que fizemos para outra casa no mesmo logar, aonde fomos pagar uma peseta cada um por cama, luz, lenha e serviço de casa.

No dia 5 o general marchou para o Ferrol, afim de arranjar embarcações, levando consigo tão sómente 5 individuos do estado maior: os addidos, deixando os effectivos. Eram: Quadros, Gouvea, Barreto Feio, Pedro Paulo, o Aguiar e o Gandra.

O governador de Betanças tem obstando

á marcha dos officiaes e soldados para a Corunha; e, ao mesmo tempo, que publicava ordens, em nome do rei, dizendo serem os portuguezes omissoes em sairem de Hespanha, prendia-os no momento em que findara o praso. Assim todos os commandantes dos corpos protestaram contra semelhantes ordens.

(Continua).

ED. MONTUFAR BARREIROS.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Efeitos do exercicio

III

SYSTEMA CIRCULATORIO

Sobre toda a circulação do sangue, manifesta o exercicio uma acção notavel.

As contrações do órgão central da circulação tornam-se mais rapidas, em virtude da maior frequencia dos movimentos respiratorios, consecutiva ao exercicio physico. Estas contrações trazem como consequencia uma maior acceleração do pulso.

Mas é sobretudo sobre a circulação do sangue venoso que o exercicio tem uma mais importante acção; com effeito, a força motora que conduz o sangue venoso é na sua maior parte roubada á acção muscular, em quasi todo o systema circulatorio, e comprehendese que quanto maiores e mais repetidas forem as contrações das massas musculares, maior será tambem o movimento do sangue dentro dos respectivos canaes.

Na ausencia de contracção muscular, nada impede que a columna de sangue venoso pese sobre os vasos das extremitades pelvicas, nos individuos cuja profissão demande a estada por muito tempo na posição erecta, originando uma deformação vascular, a qual, reproduzida muitas vezes, se tornará definitiva, ocasionando a formação de varizes e de consecutivas ulceras varicosas, de tão prolongado e difficil tratamento.

Com effeito, é vulgar observar-se a ulcera da perna esquerda nos amoladores, e devemos acrescentar que em todos os casos que temos observado, o tratamento vulgar, que em ulceras de outra natureza produz effeito, n'estas ou não produz ou o faz tardiamente. Casos ha até em que será necessario recorrer á autoplastia para obter completa cicatrização, e outros em que só a amputação consegue pôr termo ao mal e obstar a infecção geral.

Nem só contudo sobre o systema venoso a cinesia influe; clara tambem é a sua acção sobre o arterial. Os musculos são os órgãos essencialmente protectores das arterias. Cada vaso arterial tem em regra, um musculo que lhe é particularmente destinado, musculo satellite chamado; arterias ha que possuem dois e mais.

Assim para a arteria principal da perna, o musculo costureiro; para a carotida primitiva, o esterno-cleido-mastoideo; o bicipete para a arteria do braço, etc.

Ora tendo os exercicios cinesicos os principaes musculos n'um estado continuo de contracção e resolução, manifestamente actuarão sobre os vasos, regularizando a circulação arterial e obstando á accumulção e ao estacionamento do sangue, ás congestões activas.

Pelo exercicio espalha-se o sangue, d'uma maneira completa, por todas as partes do organismo e se tal ou tal exercicio influe ou se executa preponderantemente n'uma parte do corpo, é para esta que mais activamente affluirá o sangue.

Claro é que se o exercicio é excessivo, poderá produzir accidentes, como por exemplo, syncopes ou lypothimias na carreira esforçada, ou em outro qualquer exercicio feito desordenadamente, ou pelo contrario, congestões nos exercicios repetidos de aparelho e outros.

Segundo a qualidade do exercicio escolhido, assim o sangue é levado d'uma para outra parte do corpo.

ARDISSON FERREIRA

Exercicios physicos

Bem apreoadas tem sido as vantagens dos exercicios physicos, cuja necessidade se impõe. Em toda a parte se lhes vae já prestando culto, lembrando muitas vezes o da antiguidade, até se resuscitaram com grande pompa os jogos olympicos. Muito se tem escripto em memorias, tratados e jornaes. E, apezar de tudo, pôde dizer-se, que mal principiámos a cuidar seriamente de tão importante assumpto.

Sobre o que mais convem á adolescencia e á idade viril as opiniões, emitidas até hoje, estão demonstrando quão longe se está do desejado accordo.

Alguns auctores prescrevem com uma previsão, parecendo mathematica, o numero, qualidade e sequencia dos movimentos; basta n'este caso o estudo attento de um livro de facil comprehensão e o cuidado de seguir os preceitos n'elle exarados, como se fossem letra de evangelho.

Surgem, á porfia, inventores de aparelhos, sustentando que os movimentos, mesmo ordenados a preceito, sem tal auxilio não podem, como se pretende, produzir o desenvolvimento do nosso organismo. Os aparelhos, susceptiveis de variação infinita, fazendo cada um a sua epoca para ceder o passo áquelle, a que a moda, sempre caprichosa, vae concedendo o favor de cada dia, levam ao desanimos os que pensam em obter a ultima palavra na materia.

Apparece, ainda, uma escola radical, insurgindo-se contra o prurido de methodos com pretensões mathematicas, que tem apparecido, para a qual os jogos inglezes, conhecidos em todo o mundo, acclimados, por assim dizer, nos dois hemispherios, são o que ha de melhor.

Corre acceso o litigio, difficil de derimir por emquanto, pôde, porém, ficar assente que para os adultos tem muitas vezes sido prejudicial o conhecimento da necessidade dos exercicios physicos por causa da ignorancia ácerca da influencia organica por elles exercida. Mais vale não ter cuidados alguns, do que uma pratica illogica.

Procura-se com afan o desenvolvimento muscular, a criação de atletas, como se de luctas corporaes tivéssemos de viver e as pendencias entre nós tivéssem de ser resolvidas, como nos passados tempos dos troglodytas. Assim, não é raro o encontrar quem todos os dias levante pesados alteres, não pensando na conveniencia de exercicios variados, em ordem a fazer do corpo humano um todo bem equilibrado, e que o desenvolvimento excessivo de uma parte se realisa em prejuizo do resto.

O desenvolvimento muscular anormal está muito longe de ser util e o numero crescido de atletas, que bem depressa seguiram o caminho do tumulo, é tão eloquente que bem merece o fazer se d'elle especial registro.

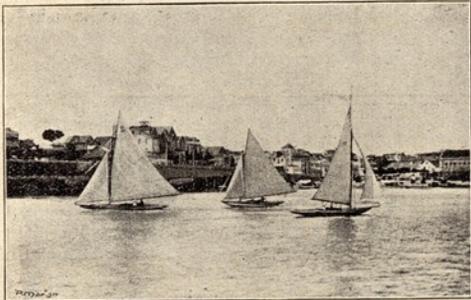
E' preciso definir até que ponto se deve levar o uso, attentas as differenças, a que está sujeita a compleição humana, e onde começa o abuso.

A gymnastica, base indispensavel de to-

dos os exercicios physicos, elevada hoje quasi á altura de especialidade medica, não pôde ficar entregue ao grosseiro empyrismo, em que tem jazido.

E, se, seguindo este pendor de racioci-nio, passarmos aos diversos exercicios, constituindo o que ja é conhecido em toda a parte pela designação de *sport*, temos de condemnar abertamente a violencia de muitos, sempre exigida nos desafios.

Verdadeira barbaridade são as corridas de velocipedes, tanto em moda — o corredor dobrado, de veias injectadas, offegante, fazendo esforços sobrehumanos, sempre



Em Cascaes

Os *bull-keels* em evoluções

Phot. do distincto amator sr. José Augusto das Neves

opprimido, encurta a vida, *saca sobre o futuro*, como se diz.

Da mesma sorte são condemnaveis todos os excessos de natação, navegação a remos, corridas a pé e os exercicios do mesmo grupo, em que o motor é o sangue e a duração demasiada.

Ainda n'outros casos, como se dá com as corridas de cavallos, pôdem resultar perturbações funestas para o nosso organismo.

Podemos com bom treno adquirir aptidão e resistencia, é certo, mas tudo tem limites, que não convem attingir e menos ainda ultrapassar.

São requeridos em tempo de guerra trabalhos de grande violencia, todos os sabem, mas ás tropas, cuja missão é o combater, dá-se preparação longa, bem dirigida, e, apesar de tudo, nenhum general, digno d'este nome, deixa de saber o que pôde e o que não pôde exigir, porque as tropas mais aguerridas não são insensíveis á fadiga.

Devemos vêr nos exercicios o aperfeiçoamento da machina humana; pessoas ha, todavia, levadas pela pratica da profissão a excessos, a que não podem fugir, mas bastante ha, ainda, a fazer para lhes attenuar os prejuizos resultantes.

O que se requer não pôde fazer-se de um jacto, leva tempo e muito, porque a experiencia necessaria é longa. Impossivel se torna o evitar corridas brutaes, que dois, ou maior numero de contendores, pôdem fazer, mas deve ficar bem assente, que não é licito a corporações, ou associações, dizendo-se civilizadas, o promover em publico espectáculo, selvagerias proprias de outras eras.

E, muito para notar na logica dos tempos, que vão correndo, é o apparecerem commissões, promotoras de corridas d'este genero em beneficio de institutos de caridade.

Que se estropie, ou morra, quem vae correr, comtanto que não seja á vista do espectador, é questão somenos, e até as proprias victimas, acabado o divertimento, devem sahir com a convicção de que tudo foi uma verdadeira obra de misericordia.

L. F. MARREAS FERREIRA.

AUTO VELOCIPEDIA

ECHOS DA QUINZENA

A ESTAFETA BRAGA-LISBOA

Realisou-se a estafeta Braga-Lisboa.

O tempo que nos primeiros dias da semana se apresentava carrancudo e frio, alagando as estradas com uma chuva forte e teimosa durante longas horas, parecendo assim querer comprometter a grande prova dos valorosos cyclistas bracarenses, começou aliviar na quinta feira e foi melhorando consecutivamente até que no domingo se apresentou um dia lindissimo, radioso de luz e d'alegria, como se a natureza em festa se quizesse associar á mais bella *rendonnade* cyclista que se tem feito em Portugal.

Um verdadeiro dia de primavera, ameno e solarento, d'esses dias em que o azul do nosso bello ceu peninsular é transparente como o manto constellado das virgens e puro como a alma das creanças.

Decididamente, Deus é pelos cyclistas. O exito da estafeta, se não foi tão completo, como os seus promotores desejariam, nem por isso deixou de ter a maxima importancia. Com as estradas horribes do nosso paiz, depois de dias consecutivos de chuvas, como precisar com segurança, horas de *etapes* e o tempo total da estafeta?

O ultimo *etapista* chegou a Lisboa com cerca de 9 horas de atrazo, mas nem por isso a grande manifestação deixará de ficar celebre e registrada em letras d'ouro nos annaes da velocipedia portugueza, como a maior, a mais importante pela extensão, pela resistencia de que deram provas os elementos que n'ella tomaram parte e que para cumulo de gloria, não assignalada até hoje, pertenciam todos á mesma cidade e á mesma associação.

Até agora as estafetas que em Portugal se tem organizado tem sido levadas a effectos com diversos, de varias terras ou de varios clubs.

Assim a estafeta Vigo-Porto foi organizada com cyclistas portuguezes e hespanhoes, e era apenas de 160 kilometros e 100 metros; a da Figueira da Foz-Lisboa, obedecendo a fins da mais generosa e da mais salutar confraternisação foi organizada com cyclistas dos clubs unionistas da Figueira, Leiria, Caldas e Lisboa, o seu percurso foi de 207 kilometros; finalmente a de Braga-Lisboa que somma uma distancia de 381 kilometros em estradas horribes e depois de longos dias de chuvas é feita por 9 cyclistas apenas de um club, recentemente formado, mas composto de elementos dos mais valiosos, dos mais dedicados á causa do *sport* e á causa generosa e grande da U. V. P. como os srs. Antonio Magalhães Marinho, o dedicad o presidente do G. V. B. e talentoso delegado da nossa União; Alexandre Ferreira a alma e caracter de eleição, e o proponente da organisação da estafeta; Francisco Lopes o *sportsman* activo e intelligente; Silva Braga o cyclista resistente e forte...

Eram 1 hora e meia da madrugada quando os ultimos *etapistas* chegaram

ao Campo Grande. A hora provavel que se tinha calculado era ás 5 da tarde. Houve pois um atrazo de 8 horas e meia. E porquê?

Porque as estradas do paiz são pessimas e estão verdadeiramente intransitaveis, porque faltaram *etapistas*, porque succederam diversas avarias nas machinas, ligeiros incidentes que não sendo importantes, são ainda assim causa de demoras.

Houve cyclista, como o sr. Silva Braga que teve de percorrer 114 kilometros! Outro, como o sr. Sarmento teve de andar com a machina ás costas alagado até quasi ao joelho, e ainda perseguido a tiro por uma horda de selvagens — talvez a mesma que apredeja os comboios...

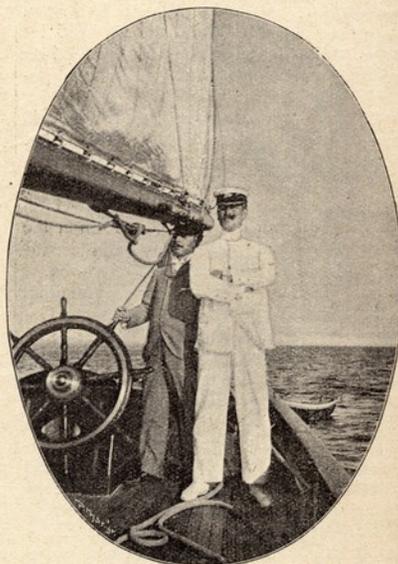
Depois d'isso o que admira o atrazo? Nada. E tira isso a importancia á estafeta? Não, absolutamente.

Ora porque assim é, nós saudamos com todo o entusiasmo, o G. V. B. e os cyclistas que tomaram parte na estafeta, assim como a U. V. P. por contar no seu gremio mais uma associação prestimosa que muito hade contribuir para lhe augmentar a força e o prestigio.

Do G. V. B. vieram a Lisboa os srs. Antonio Marinho, presidente; Alexandre Ferreira, director e iniciador da estafeta; Francisco Lopes, secretario, e Silva Braga, Julio Guimarães e João Rodrigues, socios.

Conforme estava annunciado, realisou-se nas salas do R. C. V. P., na segunda feira pelas 9 horas da noite a sessão organizada pela direcção da U. V. P. para recepção official da estafeta. A vasta e elegante sala *sportiva* cheia de cyclistas e matisada de numerosas senhoras offerencia um aspecto delicioso. O entusiasmo foi constante, sendo os cyclistas bracarenses alvo das mais calorosas manifestações.

Presidiu o sr. Anselmo de Sousa, vice-presidente da U. V. P., que convidou para fazerem parte da mesa os srs. Julio Correia de Sá, presidente do *Real Club Velocipedista de Portugal*; Antonio Marinho, presidente do *Grupo Velocipedista de Braga*; Carlos Calixto, secretario da *União*; Tenorio de Oliveira, 1.º secretario do *Velo Club de Lisboa*, Campos Sá, do mesmo Club e José Jordão, do *Racing Club*.



No mar

Jayne Tompson e Carlos Bleck á pôpa do *yacht* DINORAH

Phot. do distincto amator sr. José Augusto das Neves

Usaram da palavra respectivamente os srs.: presidente dando as boas vindas e saudando a estafeta, Antonio Marinho, Julio Correia de Sá, Alexandre Ferreira, Tenorio d'Oliveira Candido da Silva e Carlos Calixto, discursando em geral sobre o resultado d'esta bella estafeta, a maior que se leva a effecto no nosso paiz, tendo

todos os nossos palavras de sincero elogio para om o grupo de Braga, estes para com a União e Clubs de Lisboa, notadamente o R. C. V. P. e V. C. L., aos quaes foram levantados muitos votos, entusiasticamente correspondidos pela assembleia.

Fechando a sessão, o sr. Anselmo de Sousa agradeceu á direcção do R. C. V. P. a annuenciã dos seus salões para esta festa, levantando, entre outros, um viva especial á ex.^{ma} esposa do sr. Alexandre Ferreira, organisador da estafeta. Esta senhora que teve uma grande ovacão estava presente e é uma denodada cyclista do norte de Portugal, tendo feito, em companhia de seu esposo, excursões muito importantes.

— Depois da sessão houve sarau de gymnastica, esgrima de pau e athletica, organisado pela direcção do R. C. V. P. em honra do G. V. B. Realisaram-se debaixo de applausos os seguintes numeros:

Parallelas. — Pelos srs. Correia d'Araujo, Medina e Nascimento Correia.

Argolas. — Srs.: Medina, Carlos Abrel e Nascimento Correia.

Jogo do pau — Srs.: Soares da Silva, professor do Club, e Ildelfonso Sarmento, director.

Forças combinadas — Srs.: Correia de Araujo e Alberto José da Silva.

A pedido de alguns dos assistentes, os srs. Ruy Alves da Cunha, Luiz Nicolas e Rodrigo dos Santos executaram alguns numeros de athletica, que foram muito applaudidos.

Hontem á noite no café Montanha tambem houve banquete, offerecido pela direcção do V. C. em honra do G. V. B. Esta festa decorreu cheia de entusiasmo e de alegria, sendo levantado muitos brindes. Sentimos que o tempo e o espaço nos não permitam alongar mais e agradeceremos o convite com que fomos honrados.

Boa theoria: *

A direcção do R. C. V. P. resolveu adiar para a proxima primavera as corridas que ainda este anno devia dar, pois que estão desqualificados alguns dos corredores seus associados, e tendo, como club filiado, de acatar a deliberação da U. V. P. seria forçada a prescindir de taes elementos o que de certo modo tiraria brilho aos corredores; e assim para não desacatar a União nem prescindir dos corredores resolveu adiar as corridas.

Bravo! Esta é que é a boa theoria e só assim poderá a U. V. bem cumprir a sua complexa e difficil missão.

*

O R. V. C. P. e a U. V. P.:

No passado numero dando conta do resultado das corridas organisadas pelo Real Velo Club do Porto lamentámos que ellas se não tivessem realisado sob os regulamentos da U. V. P. obrigando assim a direcção da nossa federação cyclista a desqualificar aquella associação, o seu velodromo e os corredores que tomaram parte nas corridas.

E não tinha outro caminho a seguir a direcção da U. V. Desde que tem regulamentos a cumprir, deve-os cumprir. Podem ser discutíveis podem ser maus, mas enquanto elles vigorarem o seu dever é respeitá-los e fazel-os respeitar.

O R. V. C. P. tambem tem os seus estatutos e os seus regulamentos; e a sua direcção não os respeita? não os cumpre? Certamente.

Então porque é a extranheza de ter a direcção da U. V. P. cumprido simplesmente com o seu dever?

Essa extranheza é tão incomprehensivel como a attitude que ha anno e meio o R. V. C. mantem com a U. V. E dizemos ha anno e meio, porque a principio o R. V. C. estava em tão boas relações com a União que em setembro de 1900 era ella convidada a fazer-se representar nas festas do 7.º anniversario do R. V. C. sendo com effeito a nossa federação cyclista ahi representada pelo sr. Tenorio d'Oliveira, a pedido da direcção da U. V. P.

E eram tão cordeas essas relações e em tanta conta era tida a U. V. P., que, o relatório da

direcção do R. V. C. P. relativo ao referido anno de 1900, elaborado pelo sr. Eduardo da Motta Ribeiro Junior, ao descrever a recepção dos delegados dos clubs do paiz que foram assistir ás festas anniversarias do mesmo R. V. C., diz assim a paginas 91 e 92:

«O sr. José Saraiva em nome da comissão deu as boas vindas, enaltecendo a alta significação e o alcance moral d'estas visitas reciprocas, fazendo sinceros votos pelas prosperidades de todos os clubs de Portugal.

Responderam-lhe os srs. Luiz Trigueiros, Tenorio d'Oliveira, Eduardo Vieira e Baptista de Sá, agradecendo eloquentemente as palavras do sr. Saraiva e os convites para esta festa, fazendo avultar os serviços prestados pelo R. V. C. P. no desenvolvimento do sport velocipedico no paiz, louvando a sua organização e fazendo votos pelo engrandecimento do Club «O sr. commendador Motta Ribeiro agradeceu os louvores dirigidos ao R. V. C. P., pondo

niçando-se com boatos e mentiras que são espalhadas em Lisboa e exportadas para o Porto, com o fim de malquistar a U. V. com os cyclistas da segunda cidade do paiz, á semelhança d'aquella famosa agencia que de Badajoz exporta para todo o mundo, infamias e mentiras para amesquinhar e deshonrar o nome portu-guez.

Lamentando o facto, resta-nos constatar que não estamos sós ao lado da U. V. P., comnosco está tambem um jornal do Minho de incontestavel auctoridade, *O Districto de Vianna*, que commentando que nas corridas tivesse sido adoptado o regulamento do R. V. C., diz assim:

«O regulamento das corridas foi o do R. V. C. P., o que sinceramente deploramos, porque a teimosia da importante agremiação sportiva do Porto em não acatar o regulamento da União Velocipedica Portuguesa, denota um pro-



Grupo Lawn-Tennis de Paredé

Por occasião das partidas jogadas em Paredé, nos dias 21 e 28 de setembro de 1902

em relevo os fins da União Velocipedica Portuguesa, a quem saudou, levantando-se vivas entusiastas a cada um dos clubs ali representados».

Ora isto passava-se em 23 de setembro de 1900 e isto dizia-o o sr. Eduardo da Motta Ribeiro Junior que era então nem mais nem menos do que o secretario geral do R. V. C. P. e é hoje o presidente da comissão de corridas do mesmo club

Porque foi então esta reviravolta, o que explica a mudança de attitude do R. V. C. que em 1900, convidada a União para as suas festas e pela voz do seu secretario geral a saudava e punha em relevo os seus fins, e logo em 1901 declara desconhecer a sua existencia e se arma em guerra contra ella? Não sabemos.

Mas o certo é que a guerra existe e ahi está patente, recrudescendo a cada tentativa de conciliação que se levante de qualquer lado, encar-

posito que obedece afinal a um simples capricho e não a quaesquer razões solidamente fundamentadas.

A nossa opinião, que sustentamos e continuaremos a sustentar, é que se torna necessario acabar com estas incompatibilidades que só trazem desvantagens ao cyclismo nacional. Acolhendo-se á bandeira da União, o Real Velo Club não perde a sua incontestavel importancia, antes se revigora e anima, contribuindo com o seu esforço e com a sua acção para o objectivo que determinou a fundação da illustre federação cyclista.

Pela sua parte a União havia de saber collocar sob a sua bandeira no lugar distincto a que tem direito, o Real Velo Club, considerando os altissimos serviços da associação portuense ao cyclismo nacional e a incontestavel valia dos elementos que tem papel preponderante na sua direcção.»

Um *match* notavel:

Realizou-se no penultimo domingo no Velodromo do Parc des Prizes, o *match* Jacquelin, Zimmerman. Bald. Foi como se vê uma prova notavel tanto pelos nomes que n'ella figuraram como pelo lado *sportivo*.

Jacquelin é ainda hoje o maior corredor francez, o homem que ha 5 annos consecutivos defende com o maior brio e com toda a gloria a bandeira tricolor, tanto nas pistas de França como nas estrangeiras; Zimmerman é o homem quasi lendario do cyclismo, aquelle que assombrou o mundo *sportivo* com as suas victorias e a sua velocidade, quando o cyclismo estava ainda na infancia, é o *Flying Yankee* que retirado das pistas ha 8 annos, volta agora ao campo das suas antigas façanhas; Bald, é o grande *sprinter* coevo de Jim, tres vezes campeão da America e egualmente retirado dos velodromos ha 6 ou 8 annos.

Já vemos pois que, difficilmente se poderiam reunir tres nomes mais illustres n'um *sport* relativamente novo como é o *sport* velocipedico, e disputar a mesma prova, o mesmo premio a mesma victoria.

O grande *match* atrahiu, pois, ao velodromo de Auteuil uma multidão de 15 a 20 mil pessoas. Foram tres as mãos em que a prova foi corrida, e em todas ellas ficou vencedor Bald.

Jacquelin que travou uma luta encarnizada com este seu competidor perdeu tres vezes, o maximo por uma roda.

Bald tem uma *emballage* final extraordinaria. Quanto á forma de correr assemelha, um tanto á de Jacquelin, é extremamente vigorosa, a machina salta-lhe em saccadas, sobre o cimento.

Pelo contrario o methodo de Zimmerman é hoje como ero em 1894, muito delicado; Jim voa sobre a pista, sem esforço apparente, com uma *souplesse* admiravel.

Infelizmente porém, o *Flying Yankee* se conseguiu guardar a sua delicada maneira de correr não pôde reconquistar aquella soberba «ponta» final que lhe deu tantas victorias ha oito annos; d'ahi a sua triplice derrota de domingo, Zimmerman, perdeu as tres mãos do *match*, o maximo por dois cumprimentos de machina. Em todo o caso o publico applaudiu-o entusiasticamente; mas o grand Jim lamentando certamente um passado que elle agora quiz resuscitar mas que encontrou irremediavelmente perdido, não voltará a correr, pelo menos em Paris.

Um novo corredor inglez.

Estreou-se ultimamente em Paris, no novo velodromo do Bufalo, um novo corredor inglez de nome Tommy-Hall. A sua appareição fez-se em um *match* contra Contenet e Slevers.

Embora Hall tivesse apenas ganho a terceira mão do *match*, é na opinião de Bangé, o auctorisado critico do *Auto-Velo*, um corredor de fundo, de primeira ordem. A sua posição o seu estylo, o seu andamento, e a sua coragem são a de um grande *stayer*. Hall succumbiu ante Contenet, nas duas primeiras mãos do *match*, não por falta de vigor mas porque não tinha á sua disposição motocyclettes sufficientemente velozes para o treinar. Na terceira mão em que essa falta desapareceu, ganhou e chegou a correr com uma velocidade de 80 kilometros á hora!

Quanto a Slevers, que tambem é um corredor novo, mas allemão, mostrou ter muito menos valor do que Hall.

Os corta-vento.

Os regulamentos referentes ás machinas treinadoras que tem sido tantas vezes e tão largamente estudados pelas uniões nacionaes e pela União Internacional tem ainda aberta uma porta que permite aos corredores de fundo munirem as suas machinas de treino d'uma especie de anteparos chamados corta-vento e atraz dos quaes elles caminham como atraz de um muro que voasse com a rapidez de uma grande locomotiva. D'ahi as velocidades espantosas que dia a dia augmentam e tornam instaveis os *records* das grandes distancias.

Ora a direcção do Velodromo do Parc des Prizes reconhecendo e, quanto a nós muito bem, que os resultados obtidos por esta forma eram pouco reaes, entendeu dever prohibir os corta-vento nas machinas treinadoras que figurassem nas corridas d'aquelle velodromo.

Com effeito no penultimo domingo realizou-se ali um *match* de 50 kilometros entre Harry Elkes, Bouhours e Jimmy Michæl treinados por simples motocyclettes. Pois o vencedor Elkes conseguiu, ainda assim alcançar uma média de 73 kilometros á hora. Esta velocidade, porém, explicam-na os entendidos não só pelo extraordinario vigor de Elkes, como pelo facto de nunca ter corrido atraz de corta-vento, e montar uma machina de 9 metros de deslocamento, ao passo que Michael e Bouhours estavam acostumados aquelles abrigos e conservam as enormes mul-

tipicações que então usavam de 11 metros e 11 metros e meio. O resultado foi serem dobrados e redobrados por Elkes.

Notas soltas:

Realizou-se no dia 5 do corrente no velodromo de Colonia, o campeonato da Europa que foi ganho por Ellegaard contra Rutt, Arend, Veide, Vand den Born, etc.

◀ A instancias do director do *Velo* foi prohibida a corrida d'automoveis denominada *Cote Gallon* organizada pelo *Auto-Velo*.

E' o caso de dizer como sempre: quem é o teu inimigo...

◀ Jacquelin que além de ser o grande corredor velocipedico que toda a gente conhece, é tambem um distincto *chauffeur*, vac agora dedicar-se ao *sport* nautico e como tal se fez inscrever para as proximas corridas do Helice Club de França.

◀ Em 30 de setebro o T. C. F. tinha 76:614 socios. Só em agosto foram approvados 1:115 candidatos.

O T. C. F. já tem este anno mais 2:622 socios que em 1901.

◀ O general allemão F. Otto acaba de fazer um estudo sobre o transporte do material de guerra, mostrando as vantagens d'uma organisação automovel bem comprehendida. Preconisa o emprego de locomotivas estradistas de 20 a 30 cavallos e d'um peso de 9 tonnelladas para a tracção de furgons.

Uma locomotiva d'este genero pode arrastar furgons de 4 rodas e permite economisar 21 cavallos, 10 conductores e um subalterno e carecerá, pelo contrario, para o serviço de noite, de 2 fogueiros e de 2 machinistas.

Contando 10 d'estas locomotivas para cada corpo do exercito e 5 para cada divisão independente, seria necessario dispor de 500 locomotivas, o que permitiria uma economia de 15:000 cavallos, de 5:000 conductores e de 500 subalternos.

Conclue pois o general Otto que a economia seria extremamente vantajosa.

◀ Em 1901, em toda a França foram tiradas 1:106:768 licenças para o transito de velocipedes!

CARLOS CALLIXTO.

CORRESPONDENCIA

Estafeta Leiria-Porto.

Promovida pelos delegados do *Real Velo Club do Porto* teve logar no domingo 5 do corrente a estafeta de Leiria ao Porto em homenagem ao mesmo club.

Devia-se ella ter realiado no dia 28 de setebro, anniversario do R. V. C. P., mas por motivos imprevistos não poude ter logar n'esse dia. A estafeta partiu de Leiria ás 6 horas da manhã, chegando á Galla (em frente da Figueira) ás 8,30, sendo ate aqui feita pelos socios do Club Leiriense. A ultima d'estas etapas realiso-a o delegado em Leiria, do R. V. C., o sr. Florindo Belleza, que era esperado pelo sr. Luiz Dias Guilhermino delegado na Figueira a bordo da magnifica guiga *Golpinho* tripulado por socios do Gymnasio Club Figueirense fazendo a travessia do rio em 10 minutos.

Da Figueira a Coimbra (bifurcação da estrada de Lisboa) foram os *etapes* feitos pelos socios do G. C. F. da seguinte maneira: Partida da Figueira, 8,40, Figueira a Casal do Matto: Fausto Tavares d'Almeida, chegada ás 9 horas.

Casal do Matto a Monte-mór; Adolpho Rodrigues, chegada ás 9,13. Montemor a Lavariz: Luiz d'Oliveira, chegada ás 9,25.

Lavariz a Tentugal: Affonso Rainha, chegada ás 9,40.

Tentugal a Coimbra: Carlos Alves d'Assumpção, chegada ás 10,8.

De Coimbra a Aveiro eram as *etapes* feitas pelo socio do Gymnasio Conimbricense e de Aveiro ao Porto pelos socios do Gymnasio Aveirense. Faltam-nos permenores d'estas duas secções.

Na ultima *étape* feita pelos socios do G. C. F. frou-se o pneumatico da machina de C. Assumpção, motivo porque demorou 28 minutos. F.

ATHLETICA

LAWN TENNIS

Os grandes torneios de *Lawn Tennis* promovidos pelo Grupo da Parede, e de que no nosso ultimo numero demos os resultados obtidos nas series realizadas no dia 21 de setebro, continuaram no dia 28.

N'este dia a concorrência de espectadores foi tambem bastante grande notando-se grande numero de damas.

Esta segunda parte do torneio começou pelas 10 horas da manhã, effectuando-se as seguintes series, com os resultados adeante indicados.

1.^a serie (2 partidas)

Miguel Ferreira, 4 jogos: Silverio Costa 12 >

2.^a serie (2 partidas)

Claudio Rosado e Antonio Mendes 12 jogos; Lysiaro Cunha e Augusto Oliveira 5 jogos;

3.^a serie (2 partidas)

Dr. Francisco Rompana e Eduardo Fonseca 12 jogos; Silverio Costa e Victor Caratão 5 jogos;

4.^a serie (melhor de 3 partidas)

Claudio Rosado e Antonio Mendes Dr. Francisco Roupana e Eduardo Fonseca.

Fizeram estes dois ultimos senhores duas partidas, sendo lhes entregues como premio ao primeiro uma magnifica bengala com castão de prata e ao segundo uma phosphoreira em prata cinzelada.

Ao terminar esta magnifica festa que deixou as melhores impressões em todos que a ella assistiram, a Direcção do Grupo offereceu uma taça de Champagne a todas as pessoas que alli estavam, sendo levantados muitos brindes que entusiasticamente foram correspondidos.

Damos hoje um grupo d'alguns dos jogadores que fazem parte do *Grupo Lawn Tennis da Parede* e entre os quaes estão os Directores os srs. Dr. Francisco Rompana, Eduardo Fonseca, Silverio Costa, Antonio Mendes, e Claudio Rosado e alguns dos socios fundadores, que muito tempo trabalhado para o desenvolvimento d'este genero de *sport*.

CAÇA & PESCA

A Cynegetica na Edade Média

«Jadis nul n'osait en province Porter aux champs son mousqueton, Tonton, tonton, tontaine, tonton. On gardait la perdrix du prince; Les loups devoraient le mou'ton. Tonton, tontaine, tonton.»
BÉLANGER — La Chasse

I

D'entre todas as paixões que avassalaram a Meia-Edade, a paixão da caça foi a que teve o poder de deixar mais profundamente impressas neste extraordinario periodo da historia de todos os povos as caracteristicas feições que o singularisam.

De todas a mais nobre, esta paixão chegou a dominar, absoluta, irrestrictiva, todo o mundo occidental, como já constituiu no mundo oriental uma sciencia sobre cujas regras e preceitos os arabes, mestres consummados nas artes venatorias, compilavam tratados especiaes de theoria e pratica.

Decerto o Feudalismo não deixou de retratar-se nesta paixão com todos os estygmias que o tornaram execrando aos que tiveram porque soffrer-lhe a indole brutal e oppressora. Em seu primeiro periodo, foi, com effeito, a paixão cynegetica da Meia-Edade a consequencia natural da vida occiosa e erma em que se consumiam os dias dos grandes senhores feudaes.

Serem poderosos, serem dominadores, serem absolutos arbitros da vida e destinos de seus humildes servos e vassallos, serem, enfim, o menos dependentes possivel do rei, a quem juravam fidelidade e auxilio na guerra, eram as aspirações, os cuidados unicos dos grandes suscranos do Feudalismo.

Encerrados em seus acastellados paços, embrutecidos pela solidão a que voluntariamente se votavam, limitados na actividade do espirito, feros, roncadores, orgulhosos, desalmados, a mesa, o jogo e o vinho dominavam-n'os; a caça espaciae-os, alternando, com suas fadigasas lides, com os dias e as noites passados pelo amago dos bosques e florestas que recobriam a Europa de então, com os perigos que por

vezes offercia a montaria ás feras, perseguidas com ardor, os trabalhos e os arriscados lances da guerra, cuja imagem as grandes caçadas lhes apresentavam, excitando-lhes o animo cruamente batalhador.

Mas na extensa téla panoramica da Meia-Edade, o Feudalismo foi um episodio apenas.

Ahi, a paixão venatoria desenvolve, é certo, a feição mais brutal, mais fragosa e arriscada das duas que principalmente caracterizam este famoso passatempo, este passatempo unico dos grandes senhores feudaes; — a caça aos lobos e javalis, praticada numa época em que o estado barbaço da Europa, cobrindo-a de densas florestas sem fim, e recortando-a de precipicios e abysmos, como que offercia aos Nemrods desses obscuros tempos um repasto analogo á bruteza das paixões e dos sentimentos que os governavam.

Aquelles infatigaveis monteadores que passavam semanas sobre semanas perdidos, com toda a sua numerosa comitiva, pelo mais profundo e impervio de bosques e florestas, em busca das bravas feras que tanto prazer sentiam em accommetter e matar, ficaram, é certo, para sempre redivivos na memoria das gerações, já nas imaginosas paginas dos romances de cavallaria, já nas lendas, mais humildes mas não menos suggestivas, dos cenobitas e anachoretas de passadas eras. A propria poesia popular, a mais lidima e original de todas as poesias, valendo-se da tradição, eterno elemento de toda a historia, trouxe a caça para o dominio das piedosas crenças, dando no céu um patrono a todos os caçadores, e uma lenda mais ao florilegio christão, — a lenda de Santo Huberto.

Santo Huberto foi da nobresa de Aquitania e andava na corte do rei Theodorico. Era um pagão.

Certo dia solemne, emtanto que todos os christãos assistiam aos officios divinos, abalára elle para a caça, acompanhado do seu fiel *Souillart*, o seu cão, sobre todos, favorito.

Deus, porém, tinha-o de sua mão e resolveva, fazer d'elle seu servo.

Apenas internado no bosque, eis se lhe depara um formoso veado, ostentando entre os esgalhos a Cruz Redemptora. Ao mesmo tempo, uma voz retumbante atroava as solidões do bosque:

— Convertete-te, Huberto, se não queres ir parar ao inferno!

Huberto apeiou-se aterrado, e prometeu obedecer ás ordens do céu. Passando á Austrasia, foi pedir a S. Lambert, bispo de Mastric, o doutrinas e o recebesse entre os seus clérigos.

Acquiesceu este santo ao pedido, e não teve porque arrepende-se, pois que vindo a morrer martyr após quarenta annos de pontificado, lhe succedeu na cathedra episcopal Huberto, seu discipulo querido, que por suas virtudes, soube merecer a corôa dos santos.

Tal é a lenda singela do santo caçador, poetisada pelo influxo do mysticismo christão.

Mas quando a influencia do Feudalismo, pouco a pouco despidido do seu originario estado de quasi selvageria, veiu emfim a seu termo, e as suas feições ferozmente individualistas, começaram a ceder o logar á saluberrima influencia da familia, acostumando os isolados castellões ao convívio da sociedade e da corte, triplice influxo a que as instituições de cavallaria haviam desde longe preparado o dominio, est'outra feição da caça, — a caça de altanaria, alternando com a primeira, prestou

ás memorias cynegeticas da Meia-Edade um tão intenso perfume de poesia, que exhalando-se atravez os seculos, ainda agora — tão perduravel foi — tem o mago poder de occupar, delectando, as imaginações, quer quando dicta á Litteratura muitos dos mais poeticos e bem traçados quadros de occupam, quer quando inspira ás Bellas Artes tanto do que ellas produzem de mais delicado e mimoso.

O laço de mysteriosa sympathia que prende as bemquerenças dos modernos tempos, no campo das Bellas Lettras e no das Bellas Artes, ao passado tão atrahente e seductor da vida cavalheiresca e cortesã, que tinha a altanaria por nobre desenfado, é ainda a propensão da lenda para o maravilhoso sobrenatural. Tal propensão, transmittindo-se através os tempos á litteratura romantica, veiu a formar o fundo sobre o qual as novellas de cavallaria bordam as mil ficções e encantamentos, as mil aventuras extraordinarias dos heroes e dos paladinos medievos que as povoam. As grandes diversões venatorias, as mil aventuras extraordinarias dos heroes e dos paladinos medievos que as povoam. As grandes diversões venatorias, as mil aventuras extraordinarias dos heroes e dos paladinos medievos que as povoam. As grandes diversões venatorias, as mil aventuras extraordinarias dos heroes e dos paladinos medievos que as povoam.

Sem irmos até ao celebre *Amadis de Gaula*, temos deste conceito excellente amostra no que o nosso Francisco de Moraes, — d'esta vez incontestado auctor de uma das mais bellas e mais classicas produções da nossa litteratura quinhentista, — nos deixou, quando, logo ao começar o seu *Palmeirim*, nos conta o modo porque D. Duardos veiu a ser preso, por encantamentos da irmã de Dramusiando.

«Assim aconteceu que sahindo um dia D. Duardos montar á floresta do Deserto, que contra a banda do mar d'ahi a quatro leguas estava, levando comsigo Florida e suas damas, mandou assentar tendas em um verde prado ao longo d'um ribeiro, que por elle corria, que com suas correntes e claras aguas fazia os corações alegres a quem os assim não tinha. Não passou muito espaço, depois de ali chegarem, que, contra a banda onde a montanha era maior, começou a soar a vozaria dos monteiros: e indo D. Duardos por aquella parte, viu um porco grande, que corrido dos cães, transpunha uma assomada. Porém, fiando se na ligeireza do cavallo, o seguiu de sorte, que em pouco tempo o alcançou de vista, e os seus a perderam d'elle.

«Tanto se foi alongando, que por toda aquella tarde o não poderam mais ver: porque como o porco não fosse natural, mas fantastico, quem o ali fez ir, o guiou de maneira, que soube bem satisfazer sua tenção.»

D. Duardos, sempre perseguindo o animalaje, vem por fim a entrar de si proprio na torre que lhe estava preparada para perpetua prisão.

(Continúa.) GOMES DE BRITO.

Cartas de José Paulo de Mira

Meu caro Anselmo:

Estava verificando se me faltava algum dos numeros do teu *Tiro Civil* do anno findo, para depois os mandar encadernar, quando, por acaso deparei no n.º 222, de 1 de novembro de 1901, com uma *chamada* na qual dizes:

«Começamos hoje a publicação textual d'este folheto do grande caçador e mestre «José Paulo de Mira.»

Não podes calcular como fiquei satisfeito, por vêr que com essa pequena *chamada* las pôr em chegue, os que teem tido o pouco senso de emendar, e adaptarem á conveniencia das suas idéas, os escriptos de Grande General; alterando por vezes e a seu bello prazer, o sentido, a regencia grammatical e até a fórma orthographica; o que, a meu vêr, constitue verdadeiro crime; porque entendo, que, qualquer alteração que se lhe faça, por mais modesta que seja, vae destruir-lhe a sua harmonia, tocar no pensamento geral que os dominou — profanal-os para melhor dizer.

E com que direito?

Com que auctoridade?

Tal procedimento está mesmo a pedir *tosquia* igual á que o grande e immortal visconde de Castilho dava no cabarde anónimo da *Carta a um professor d'aldeia*; porque quem tem a petulancia de alterar os escriptos de José Paulo de Mira; ou os pretende emendar é certamente — *camello* — está mesmo a pedir a classificação de: — *«idiota perdidissimo, falsificador das obras, das palavras e dos pensamentos.»* e que lhe appliquem a receita de Castilho — *«deixando lhe a cachola e os colmilhos pregados, como faziam os caçadores da idade média, por cima do portão da venda cynegetica do Grande General.»*

Bem fizeste, repito, meu caro amigo, em declarares quando começaste a transcripção do opusculo — *Um brado contra as monterias de cerco aos lobos na provincia do Alentejo* — que a fazias textualmente.

Oxalá todos assim o fizessem!

E demais; o nosso paiz não é tão rico em produções cynegeticas, que se possa deixar impunemente profanar as poucas que temos boas!

Se pouco ou nada se escreveu até 1616, em que Diogo Fernandes Ferreira, nos dá o precioso repositório — *Arte da caça de altanaria*; — o que é de util tem apparecido d'então para cá?

Se não prestam, e carecem de emendas, os opusculos de Mira; porque é, que quem ousa emendal-os, não produz nada de melhor?

Se são archaicos, e irrisorios, os escriptos de Ludovice da Gama; porque não os ofuscam, com as suas modernas composições, os noveis e letrados caçadores de hoje, que enchem a bocca com as pomposas *field-trials, garennes e kennel stud book*?

Porque; mais facil é depreciar o bom; que produzir *algo*, embora muito mediocre!

Mas Deus me livre, meu caro Anselmo de continuar talvez dizendo verdades, que certamente alguns classificarão de — *má lingua* — e mesmo o fim principal da minha carta é: cumprir o promettimento que te fiz na noite de 12 de junho de 1901 no *Suisso*, firmada em minha carta de 31 de julho do mesmo e publicado nos n.ºs 211 a 216 do teu *Tiro Civil* na qual dizia: — *«se um dia tu e os teus amaveis leitores estiverem dispostos a que eu de «novo os masse, puder-lhes-hei dizer e contar peripecias curiosissimas desde março «de 1867.»*

José Paulo de Mira se ao principio era um incomparavel entusiasta pelas monterias aos lobos, tornou-se mais tarde um dos seus mais figadaes inimigos.

E porque?

Porque como elle muito bem diz e escreve lhe demonstrou: — *«a grande pratica e experiencia que tem do objecto.»*

Como as fazia depois então?

Pela maneira que vaes vêr. Dou a palavra ao Grande General.

Venha pois uma das suas ensinadoras epistolares!

Amigo e Sr. Prior.

15-7-72.

Recebi a sua prezada de 3 do corte. Sinto que tenha padecido dos seus olhos; e adverti-lhe q he parte melindrosa com q sempre deve haver cuidado; meios brandos e qto menos se lhe fizer milhor, basta o livrar-se dos coulures.

Quando recebi a sua, estava p^a me meter na tranquitana p^a hir dormir á Fragosa, p^a no outro dia de manhan hir fazer huma batida aos lobbos, só com os mossos e algumas esperras q de cá levei da Cidade (como o D^{tor} Vianna, Maia, Mestre João, Catinhas etc.) Fui pôr as esperas e marchei a dirigir a batida, tendo mandado o Monsaraz e outro mossos com fuguetes, p^a os lançarem a certa hora do relógio em dois alquéves diversos (p^a não pegar fogo).

Apenas deitarão os fuguetes logo as esperas q hião p^a huma ribeira virão atravessar ésta p^a o outro lado os lobbos isto na distancia de mais de hum quarto de légua, donde se deitarão os fuguetes; no fim d'êsta batida já proximo da ribeira e das esperas, saltarão os meus cães com os lobbinhos nóvos (q já começavam acompanhar os Paes, ás empresas de matar gado, erão mais alguma coisa do q rapozas). M^{el} Estevens matou hum lindo a fugir diante dos cães; a cadella amarella seguiu outro muito tempo latindo p^a as costas da batida, correu-se la a cavallo, e com o Penetra, foi agarrado vivo, as esperas irrarão outro q paçou p^a outra matta foi-se bater em seguida este appareceu o lobbinho querendo voltar p^a donde tinha vindo, mas as esperas então o matarão; fomos p^a a Fragosa almoçar, e dormir a sésta pois já herão=11 horas q^{do} abateo a calma e ántes de hirmos jantar fiquei com o sentido dos lobbos vólhos que tinham passado p^a os matos das Morjoannes, aonde tenho os javardos, como ainda pudece arranjar humas=to esperas, propuz-lhe hirem de carro athe á ribeira aprem-ce de espéra e Eu com o Feitor, Monsaraz, e outro criado, e outro, todos a cavallo, fomos com as pistolas tirando tiros de polvora seca, e Eu tocando a Buzina fomos batter os matos das Morjoannes, mas só de roda pelos asseiros (p^a não espantaros javardos) e isto sem cães (note que da Frag^{sa} ás Morjoannes he huma legoa e marchamos ás 5 horas da tarde) fomos depreça e como o dia estava de fortuna, veio o lobbo granle á ribeira á espera aonde estava o M^{el} Estevens e o mattou, como elle levantace de quando em q^{do} a cabeça, isto no meio do arrial, o Estevens não teve a prudencia de o esperar, e foi olhar para o sitio donde veio o lobbo e viu paráda a lobba, q voltou então p^a outro lado por o ter visito a elle; aliãz podia nesse dia matar 3, no entretanto neste dia morrerão 4, só com a minha gente e sendo a criação nova só dos 3 q morrerão, e noutra batida antecedente em q me Sob^o tinha atirado a hum lobbo da criação do anno passado q andava juncto com ésta sucia, appareceu depois morto, e Eu lá o vi agora morto conhecendo-se m^{to} bem como era. Só escapou (por se lhe não atirar) a lobba a qual desertou daquelles sitios.

Vejo o q me diz de haver por S^{ta} Clara outro porco, que o meu ami^o julga superior ao Estrellado, queira D^o assim seja, e que já agora em logar do meu amigo lhe medir só as navalhas, o remetta inteiro e intacto no cabello como se pretende (caso seja merecedor disso) pois já vão escaceando do calibre das 6 @.

N. B. o lobbo não remetti p^a Lix^a, pois tinha corpo disso, por estar de cabello novo tão curto, como de galgo fino; não é só nos porcos q neste tempo não estão capazes p^a mostrár o q são no estado de perfeição natural.

Em q^{do} á barrigada da sua Guadiana, com o Sippó, estimo tomace o meu conchello, e desde já agradeço o seu cuidado em arranjar amas p^a os criarem aliãz Eu cá faria êssa deligencia apezar de ver q era m^{to} longe p^a virem tanto tempo sem mamarem mas mais valia correr esse risco do q matarem-ce por falta de haver q^m os criasse a todos.

Vá o meu Am^o dispondo as suas cousas p^a estar prompto em Outubro (antes dos Pombos) p^a vir athe cá assistir a Caçada dos meus a^{ms} Hespanhóes q hé q^{do} me dizem q ve=em cá este anno

Vesitas do meu Sob^o e mais Am^{os} e disponha deste seu Am^o Portuguez.

V^{or} e Obrgd.^{mo}

(a) José Paulo de Mira.

Mas não é só esta preciosidade que possuo.

Ha mais nas vitrines do meu relicario cynegetico.

(Continúa.)

THOMAZ COELHO.

MOSAICO

Um caso de moralidade

Firmes no proposito que nos impozemos de fazer a analyse e combater a deploravel exploração que se tem feito e de que se está abusando com a organização de festas *sportivas*, vamos continuar o caminho, de que no passado numero do *Tiro* precisámos de nos afastar, para responder ás cartas do presidente do S. C. L. E proseguiremos n'esse caminho com tanta mais satisfação e com tanta mais firmeza, quanto é certo ter ao nosso lado a opinião publica e as associações de *sport*.

Assim a direcção do Real Club Velocipedista envia-nos o seguinte officio, cuja recepção já accusámos, e cujo teor já agradecemos, mas que não podemos deixar de transcrever como homenagem á benemerita associação e para prova das nossas asserções.

Eis o officio :

... Sr. Anselmo de Sousa.

A direcção d'este Real Club vem felicitar V. pelo brilhante artigo incerto no seu jornal de 15 do corrente.

A campanha levantada e em todo o ponto justa pois francamente é doloroso ver que o *sport* assim sirva d'exploração.

Associações legalmente constituídas e portanto sujeitas a decimas enormissimas, rendas de casas, ordenados a professores, etc., etc., lutam com enormes difficuldades para se manter portanto o serviço que V. lhes prestou desmascarando, quem sem nenhum d'estes encargos, lhes prejudica a sua já tão custosa vida, é enorme, e por isso a Direcção d'este Real Club, renovando as suas felicitações apresenta a V. a ex pressão do seu mais profundo agradecimento.

Deus Guarde a V.
Pela Direcção.—O Vice-Presidente
Alfredo Sarmento.

Anteriormente porém, já o nosso amigo sr. Alvaro de Lacerda, digno presidente do Real Gymnasio Club Portuguez, nos havia procurado e, pessoalmente e em nome d'aquella gloriosa associação, nos tinha affirmado a mais completa e absoluta solidariedade n'esta questão que tanto interessa ás associações de *sport*.

Declarou-nos mais o sr. Alvaro de Lacerda que o R. G. C. P., coherente com a declaração que tinha publicado em 23 de maio, na *Epocha* já mais annuira a qualquer festa, concurso ou certamen ou fosse o que fosse organizado pelo S. C. L. com quem nenhuma camaradagem o R. G. queria.

E é justo que assim seja, associações legalmente constituídas com as normas de honestidade e de seriedade do R. G. C. P. e o R. C. V. P., tem vida á parte, consoante as suas tradições e o seu bom nome e não pôdem ter solidariedade, com agremiações de existencia mysteriosa e incomprehensivel.

Toda a gente sabe, na verdade, quanto é difficil, hoje, a vida das associações, mórmente das associações de *sport*—n'este paiz onde a idéa associativa é tão mal comprehendida e onde a causa *sportiva* tem tão poucos amigos; é, portanto, extremamente lamentavel que ao lado d'essas associações que lutam com as maiores difficuldades, para se manter honestamente, dignamente, se organisem conventiculos; tribunecas, agrupamentos que exploram o *sport*, sem escrúpulos nem preocupações, recolhendo avultadas quantias que são gastas não se sabe como, mas que por certo não é na renda de casa porque não tem sede—reunem n'uma escada, á porta de qualquer loja, no recanto de qualquer praça, onde adrede se encontra, o seu dirigente o seu... dono, com mais dois ou tres acolytos; não é em ordenados a professores, porque não mantem aulas; nem em premios para os certamens que organisam, porque os sollicitam de particulares; nem em beneficios ou regalias para os seus associados, porque os direitos e deveres d'estes resumem-se no pagamento da quota mensal...

Mas o caso é que taes conventiculos apresentam-se sem pejo, descaradamente, como associações regulares, legalmente constituídas, reclamam fóros e direitos, travam o passo, e a acção, ás collectividades com existencia legal e verdadeira. E o resultado d'essa pseudo vida d'essa falsa existencia d'essa exploração ignobil, é que o publico que concorre ás suas festas especulativas, a gente que satisfaz os seus pedidos de premios, fartos de ser illudidos nos fins dos taes festivais e nos programas phantasticos que lhe apresentam, retraem-se de concorrer a elles, olham com descrença as direcções das collecti-

vidades serias—por que as aferem pela bitola dos especuladores—quando por ventura quem organizar um especulo com um fim justo e verdadeiro, como é, o de angariar receita para a vida honesta e legal das suas associações.

Ora para que acabe essa suspeita, essa descrença, é necessario que as associações dignas, que tem existencia legal se unam para dar batalla aos especuladores do *sport*.

Em tempo quando o chamado *sport* Club de Lisboa quiz organizar um grande festival, tomadas de um nobre impulso de revolta contra essa idéa que tinha todo o caracter de especulação, as direcções do Real Gymnasio Club Portuguez, do Velo Club de Lisboa, do Real Club Velocipe dista de Portugal, Escola Nacional de Esgrima e individualmente o sr. A. Pinto Martins, publicaram na imprensa e designadamente na *Epocha*, declarações em que muito nitida e muito claramente, protestavam contra o facto e affirmavam que os seus clubs não tomariam parte em taes certamens-especulação.

O secretario do Velo Club de Lisboa, o sr. Tenorio d'Oliveira, chegou mesmo a ter uma conferencia com o presidente da direcção do Real Gymnasio Club, o sr. Alvaro de Lacerda, para concertarem a realização de uma reunião das direcções ou de delegados de todas as associações *sportivas*, para lavrarem um protesto colectivo contra a obra nefasta do conventiculo do sr. Luiz Saude.

A idéa não foi então por deante, não por discordancia d'opinões, mas por motivos que não carecemos de expor. Com tudo, subsistindo o mal, continuando o perigo, ameaçando o exemplo alastrar, porque não ha de agora pôr-se em pratica essa colligação, não apenas contra o conventiculo do sr. Luiz Saude, mas contra toda a especulação que vive do *sport* quer esse *sport* se chame a velocipedia, a gymnastica ou a taurromachia?

O momento parece-nos opportuno.

Se por um lado não devemos deixar de exigir a publicação das contas das festas realisadas, como a de 17 d'agosto, no hippodromo, por outro lado carecemos todos de nos unir para que a especulação se não repita.

REGATA NA FIGUEIRA

Promovida pela *Associação Naval 1.º de Maio* realisou-se no dia 28 de setembro uma regata no formoso rio Mondego.

O rio cheio de embarcações de diferentes tamanhos e feitios produzia um bello effecto. A festa decorreu animada, tocando durante a corrida a «Real Philharmonica 10 d'agosto».

O jury compunha-se dos srs. J. C. Ferreira, N. Braz, L. Gonguet, M. Cardoso e D. C. Reis.

O resultado foi o seguinte:

1.^a corrida — Guigas a 4 remos. Vencedor: *Nereide*. Timoneiro: A. L. Varella, remadores: L. N. Baptista, J. Maranhã, J. S. Coronel e R. R. Carvalho.

2.^a corrida — Botes a 2 remos. Vencedor: *Voador*. Timoneiro: J. B. Coelho; remadores: M. J. Pires e Carlos Baptista

3.^a corrida — Guigas a 4 remos. Vencedor: *Tritão*. Timoneiro: Alberto Bastos; remadores: M. d'Azaveido, Jorge Motta, A. Quaresma e J. Bacellar.

4.^a corrida — Escaleres a 5 remos. Vencedor: *Adamastor*. Timoneiro: F. Matta; remadores: J. Maranhã, A. Domingues, R. R. Carvalho e J. Rodrigues Coelho.

5.^a corrida — Botes a 2 remos. Vencedor: *Voador*. Timoneiro: L. N. Baptista; remadores: F. Silva Neves, e J. A. Frazão.

6.^a corrida — Guigas a 4 remos; vencedor: Maranhã, N. Baptista, Rocha e J. Pires.

Os premios foram distribuidos na sede da associação, havendo em seguida soirée dansante que correu muito animada.

TOURADA

No domingo 19 do corrente tem logar no magnifico Colyseu Figueirense, da Figueira da Foz, mais uma corrida de touros expressamente comprados no Campo de Caminha, para esta festa, que será uma das mais attractantes da epocha.

Toma parte como cavalleiro o conhecido e sympathico Manuel Prudencia e como bandariheiros uma troupe de amadores de Lisboa coadjuvados pelos artistas Torres Branco e novilheiro Saleri, prestando-se este ultimo a bandarihar um touro.

Manuel Prudencia picará um touro em selim raso. Um grupo de forçados amadores tomará tambem parte na lide. Com elementos d'esta ordem é de esperar uma boa corrida.

CONSULTORIO DENTARIO Satrio Augusto Paiva, Cirurgião dentista • • • • •
• • • • • pela escola de Paris. = Doenças de bocca e dentes

==== RUA DE SANTA JUSTA, 60 2º =====